

## O OLHAR DE EDITORES E TRADUTORES SOBRE UMA OBRA BRASILEIRA

Elzira Divina Perpétua

O estudo que será apresentado a seguir é o resultado de uma leitura comparada dos textos de quarta capa, orelhas e prefácios de algumas das traduções de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. O objetivo é mostrar de que modo esses textos preliminares orientam a recepção desse livro em vários países, ao mesmo tempo em que mostram a representação de outros sujeitos (em especial o editor e o tradutor) e de outras culturas entrelaçados à história da autora. As traduções do diário de Carolina foram objeto parcial de minha tese de doutorado, intitulada *Traços de Carolina de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de Despejo* (UFMG, 2000). As observações aqui expostas foram precedidas de um capítulo sobre o processo de editoração desse diário no Brasil e de uma análise dos títulos e subtítulos de suas quatorze traduções.

As traduções do diário de Carolina começam a circular em 1961, menos de um ano depois de seu lançamento no Brasil, em edições produzidas na Dinamarca, Holanda e Argentina, nesta ordem; em 1962, registram-se as traduções da França, Alemanha ( Ocidental), Suécia, Itália, Checoslováquia, Romênia, Inglaterra e Estados Unidos (mesma tradução, com títulos diferentes) e Japão; em 1963, Polônia; em 1964, Hungria; em 1965, Cuba; na União Soviética, teria sido publicado entre 1962 e 1963. Em alguns desses países, registram-se também várias reedições de *Quarto de Despejo* e a publicação do segundo diário de Carolina, *Casa de Alvenaria*, bem como do póstumo *Diário de Bitita*.

A confirmação da exceção representada por *Quarto de Despejo*, tanto pelo número de traduções como pelas reedições, constituiu o motivo da busca pelo interesse do estrangeiro a partir de

uma primeira indagação: a razão da tradução ligava-se a alguma representação de Carolina nas culturas para as quais seu livro foi traduzido?

Uma possível resposta seria encontrada, certamente, na tarefa de analisar cada tradução, e suas reedições, juntamente com o aspecto histórico-cultural de cada pólo receptor para onde foi vertido o diário, tarefa inviável para o propósito de uma única tese. Optamos por apresentar a tradução pelo critério do idioma, tentando ordenar a apresentação ao critério geográfico de seu aparecimento e, ao mesmo tempo, levar em conta a data da publicação ou reimpressão. Tudo isso visava, enfim, a uma análise de como o livro foi apresentado ao leitor estrangeiro, no conjunto dos países onde foi traduzido. A análise buscou estabelecer os pontos coincidentes nos tópicos de apresentação em culturas diferentes e, numa mesma cultura, em épocas diferentes.

Para isso, buscamos abrir alguns caminhos que proporcionassem reflexões sobre o texto traduzido, de modo similar ao que percorremos na análise da apresentação de Carolina no Brasil: o exame dos discursos de apresentação do livro. Em vez de estudar a cultura de chegada, trabalhamos a apresentação da obra em cada cultura, observando os pontos coincidentes entre as traduções.

O estudo da recepção de *Quarto de Despejo* fora do Brasil pôde então ser iniciado com a análise do paratexto das traduções. Para isso, levantamos as semelhanças e diferenças de apresentação do paratexto da tradução, ou seja, os títulos e subtítulos e os textos prefaciais — prefácio, posfácio, quarta capa, orelhas, notas explicativas —, além de uma observação geral do aspecto iconográfico e sua distribuição espacial nas publicações.

A existência continuada de *Quarto de Despejo*

Um ano após o aparecimento de *Quarto de Despejo*, quando Carolina se preparava para lançar o segundo diário, *Casa de Alvenaria*, seu sucesso no Brasil já se encontrava em declínio. Assim como as razões de sua ascensão, os motivos de sua queda não se vinculam a fatores literários. Analisá-los demandaria uma pesquisa que teria, entre outros compromissos, de partir para o exame do segundo diário publicado, de seus manuscritos, do cotejo entre ambos, de cadernos inéditos, das reportagens e das declarações de Carolina sobre a posição ideológica assumida publicamente pela escritora, enfim, uma investigação que também não caberia nos limites de uma única tese.

O declínio do sucesso de *Quarto de Despejo* no Brasil será inversamente proporcional à proliferação de suas traduções. Seu ocaso vai coincidir com a primeira viagem de Carolina de Jesus à Argentina, em novembro de 1961, para o lançamento do primeiro diário em língua espanhola, consolidando a “existência continuada” de que fala Derrida sobre a tradução.

A idéia de uma existência continuada de um livro em outras culturas será ampliada se considerarmos a tradução como um dos tipos de refração de que fala André Lefevere. O que Lefevere denomina refração (e, mais tarde, reescrita) é a adaptação de uma obra literária para um público diferente, com a intenção de influenciar a forma como o público lerá a obra. A refração manifesta-se na tradução, na crítica, na historiografia, no ensino, nas antologias, etc. Portanto, a tradução é apenas um tipo de texto que produz a imagem de outro texto, havendo outros que se prestam à mesma função. Porém a tradução é a mais importante forma de reescrita, porque todas as outras modalidades recaem sobre ela e esta representa o original para a maioria das pessoas; por isso, as refrações influenciam a forma de recepção ou de concretização de uma obra pelo leitor. Por isso, segundo Lefevere, é através das refrações críticas que um texto se estabelece dentro de um sistema; é através da combinação de

tradução e refrações críticas, como introduções, notas, comentários e artigos sobre a tradução que uma obra literária produzida fora de um sistema assume seu lugar no novo sistema.

Observemos, por outro lado, que muitas das chamadas refrações críticas a que Lefevere se refere coincidem com os elementos do paratexto de todo livro impresso. A diferença essencial é que Lefevere, ao tratar especificamente do texto traduzido, está estendendo a sua teoria a tipos de textos de culturas que se imbricam no livro traduzido. A teoria das refrações de Lefevere, por isso, amplia a importância dos textos liminares nas traduções, como, por exemplo, os prefácios, um dos tipos de refração responsáveis pela criação de cânones transculturais. O leitor, para Lefevere, “não é exposto à literatura como ela foi escrita, mas como ela foi reescrita (...) por leitores profissionais” em resumos, antologias, versões adaptadas, obras de referência, prefácio e outros.

A visão do conjunto dos títulos e subtítulos das traduções de *Quarto de Despejo* levou-nos a decompor alguns termos utilizados em associações semântico-discursivas que, por sua recorrência, merecem algumas considerações. Apresentamos a seguir esse conjunto, com a aproximação dos sentidos de suas versões em português:

- tradução dinamarquesa: *Lossepladsen* (“Lixo”)
- tradução francesa: *Le Dépotoir* (“O Depósito”)
- tradução polonesa: *Zycie na Smietniku* (“A vida numa lixeira” ou “À margem da vida”)
- tradução cubana: *La favela: casa de desahogo* (“A Favela: quarto de despejo”)
- tradução argentina: *Quarto de Despejo: diario de una mujer que tenia hambre*  
 (“Quarto de despejo: diário de uma mulher que tinha fome”)
- tradução japonesa: *Karonina nikki* (“O diário de Carolina”)
- tradução romena: *Sao Paulo, Strada A, nr.9* (“São Paulo, Rua A, nº 9”)

— tradução holandesa: *Barak nr.9: Dagboek van een brazilianse negerin*

(“Barracão nº 9: Diário de uma negra brasileira”)

— traduções alemãs: 1ª ed: *Tagebuch der Armut: Aufzeichnungen einer brasilianischen*

Negerin

(“Diário da miséria: anotações de uma negra brasileira”); 7ª ed: *Tagebuch der Armut: Das*

Lieben in einer brasilianischen Favela (“Diário da miséria: a vida numa favela brasileira”)

— tradução norte-americana: *Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus*

(“Filha da escuridão: o diário de Carolina Maria de Jesus”)

— tradução inglesa: *Beyond all pity: the diary of Carolina Maria de Jesus*

(“Além da compaixão: o diário de Carolina Maria de Jesus”)

— tradução italiana: *Quarto*

— tradução sueca: *Skräpkammaren: Dagboksanteckningar av Carolina Maria de Jesus*

— tradução húngara: *Aki átment a szivárványalatt : egy barakkakó naplója*

— tradução checa: *Smetistie: Deníď zený z favely*

As recorrências dos mesmos signos na maior parte dos títulos e subtítulos das traduções fornecem-nos subsídios para formular uma visão inicial de conjunto sobre a apresentação do diário de Carolina no exterior. E essa apresentação parece corresponder à que foi feita pelo título e subtítulo em português, porquanto recorrem aos mesmos elementos: diário, mulher, favela (e barraco), depósito de coisas imprestáveis, fome. As exceções se reduzem à agregação do nome da autora ao título em três idiomas (inglês, japonês e sueco), presos à indicação do gênero autobiográfico; e às informações complementares sobre a origem negra da autora e seu país, que serão dados também direcionadores da

leitura, porque vão situar a narrativa junto dos termos que buscam traduzir a pobreza e a miséria das culturas periféricas.

Além dos recursos paratextuais de título e subtítulo, os elementos icônicos da capa informam algo de Carolina e de sua cultura, pelas ilustrações que, funcionando como paratexto também factual, acabam por remeter ao significado icônico quanto ao sexo, à raça e à condição social da escritora. Ao ocupar o mesmo espaço de títulos e subtítulos, as fotografias conferem-lhes a função de legendas. Porém, como se sabe, a significação do signo icônico pode ampliar-se em relação ao signo lingüístico, e vice-versa. Por isso, as ilustrações das capas das traduções de *Quarto de Despejo* vão ter um significado muito maior, vão varrer o texto, sair dele e, muitas vezes, oferecer uma visão mais abrangente do que a que a titulação pode mostrar na capa do livro.

Além do exame dos títulos, apresentamos alguns pontos comuns aos textos liminares (quarta capa, orelhas, prefácio) das traduções de *Quarto de Despejo* que, ao nosso ver, também contribuíram para conduzir o leitor estrangeiro a uma leitura quase homogênea dos diários de Carolina de Jesus, independentemente das diferentes culturas para onde foram levados. Além desses, ainda citamos os textos liminares que fogem à regra geral das traduções: na edição norte-americana, a página de falso rosto da edição de bolso exhibe uma sinopse da história de *Quarto de Despejo* no Brasil e um trecho de matéria do *New York Times* sobre Carolina e o impacto provocado pelo diário; as edições checa e romena trazem duas páginas com um glossário dos termos não traduzidos do português; na edição polonesa, o prefácio de Audálio Dantas foi acrescido com notas explicativas do tradutor, entre outros, sobre “erros” na escrita de Carolina, o significado do termo *favela* e a editoração de Audálio Dantas; a tradução argentina contém um texto explicativo sobre o título em português.

O espaço editorial da orelha do livro foi ocupado com textos nas edições argentina, francesa e na alemã de 1993; já a 4ª capa foi preenchida nas edições dinamarquesa, holandesa, romena, inglesa, japonesa e sueca, sendo que nesta última é o único texto liminar da tradução.

Já o espaço prefacial contém algumas singularidades: em primeiro lugar, Audálio Dantas figura como prefaciador em várias traduções; as edições francesa e polonesa só apresentam prefácio de Audálio Dantas; este figura, ainda, nas edições argentina, alemã e japonesa junto aos prefácios dos tradutores, sendo que na edição alemã são dois os prefácios de Audálio Dantas; já as edições dinamarquesa, inglesa e norte-americana são as únicas que contêm prefácios apenas de seus tradutores; nem sempre seu autor é o tradutor, como ocorre nas edições checa e húngara; o prefácio holandês não possui assinatura; os autores dos prefácios italiano e cubano são dois escritores renomados, Alberto Moravia e Mário Trejo, respectivamente; a sueca é a única tradução sem prefácio.

#### Considerações sobre as traduções de *Quarto de Despejo*

Os títulos e subtítulos, associados às ilustrações, compõem o paratexto que oferece a primeira imagem prévia de Carolina ao leitor das traduções. A maioria das capas das traduções apontam para o significado, ampliado ou reduzido, não do título da edição em português, mas de seu subtítulo, “diário de uma favelada”, pela ênfase que dão a certos aspectos apresentados. Algumas traduções privilegiam, no título e/ou subtítulo, o aspecto autobiográfico do texto, diretamente, com a utilização do significante “diário”. Ao apontar o gênero, via de regra associam a autora a um discurso relacionado ao circuito das minorias: mulher, negra, estrangeira. Essa circunscrição é feita, em alguns casos, por via indireta, ainda por meio de títulos ou subtítulos, a um ambiente similar ao sugerido pelo termo “favela” ou “miséria”, seja através da utilização desses significantes, seja por associações discursivas que remetem a seus

significados: depósito, lixo, dejetos, etc. Tudo isso funciona em conjunto com as ilustrações de capa e 4ª capa, que de modo geral focalizam o rosto da protagonista, com toda a carga de tristeza que o retrato capta em alguns momentos. A direção prévia dada ao leitor na capa é, portanto, semelhante àquela dada ao leitor de língua portuguesa por seu subtítulo: é o diário de uma mulher que vive na miséria. A isso acrescenta-se o fato de, em algumas traduções, ter-se enfatizado a origem estrangeira da narradora já no paratexto da capa.

A ênfase na miséria e na origem cultural da autora será ampliada pelas chamadas refrações, no espaço liminar ocupado pelos textos do editor e do tradutor. O texto do editor, privilegiado espacialmente em relação ao do tradutor, será o primeiro a imprimir um direcionamento da leitura mais ampliado em relação ao título.

Sabe-se que, no livro traduzido, o objeto do discurso editorial é em geral a gênese e o percurso da obra original. Nos textos editoriais das traduções do diário de Carolina, o discurso é voltado para a ênfase no número de exemplares editados no original e no número de traduções, constituindo *Quarto de Despejo* como um *best-seller* no Brasil e em outros países. As edições em geral referem-se ao sucesso do texto de Carolina no Brasil, e outras ainda mencionam as traduções já feitas, algumas exagerando o número delas, fato interessante como estratégia publicitária, uma vez que, quando essas traduções foram feitas, o êxito de Carolina entre nós já estava em declínio. Contudo o sucesso dos tempos iniciais continua a ser mencionado como se fosse atual no momento da tradução. E mais: ao mencionarem outras traduções de *Quarto de Despejo*, omitem a informação sobre o idioma em que foram feitas e se as referidas traduções obtiveram ou não êxito nas culturas para onde foi levado o livro.

O que mais interessou à pesquisa foi a posição enfática do editor em relação às informações que conduzam o leitor para uma imagem específica de Carolina na cultura receptora da tradução. Assim, observamos que o texto de quarta capa e o de orelha, invariavelmente, tentarão fazer o esboço de uma favela associando-a à pobreza e/ou à desigualdade social no Brasil. Ao descrever a favela como o lugar de uma população segregada socialmente, não raro, alguns desses esboços ampliam o estatuto social da narrativa, mencionando a situação de miserabilidade da América Latina e mesmo de outros contextos específicos. Esse espaço editorial vai também situar Carolina em relação à favela, chamado a atenção do leitor para seus dados pessoais, como idade, estado civil, origem familiar e social, escolaridade. A escrita do diário aparece nesses contextos, mais do que como fato inusitado, quase como um milagre, para o qual a contribuição de Audálio Dantas é apresentada, já nesses pequenos textos, como imprescindível, enquanto descobridor de Carolina e editor dos manuscritos. Ou seja, o nome de Audálio Dantas aparece constantemente, nos espaços dos editores, sempre ligado à justificativa para o fato de Carolina, nas condições em que está sendo apresentada, ter conseguido publicar um livro tão espetacular quanto dá a entender o discurso do editor.

Os aspectos levantados superficialmente no espaço editorial serão referidos de maneira mais ampla nos prefácios, que vão consolidar o direcionamento de leitura antecipado parcialmente pelo paratexto da capa, quarta capa e orelhas do livro, oferecendo novos elementos ao leitor. Algumas edições oferecerão aos seus leitores a tradução do prefácio em português, “Nossa irmã Carolina”, assinado por Audálio Dantas, em sua forma integral ou resumido. Esse texto, inserido nas edições estrangeiras de *Quarto de Despejo*, vai poupar ao tradutor maiores explicações sobre o contexto em que o livro apareceu no Brasil. O texto prefacial de Audálio Dantas enfatiza muitos dos aspectos degradantes da favela e apresenta Carolina inserida naquele ambiente, mas distingue-a dos demais

favelados. O leitor da tradução também tomará conhecimento da relação de Audálio Dantas com o texto que está sendo apresentado e, dessa forma, apreciar a importância do jornalista no aparecimento daquele livro. Nas referências ao papel do jornalista brasileiro, nas traduções em que não consta o prefácio traduzido do português, os tradutores, como leitores preocupados com a fidelidade ao texto original, reproduzem em paráfrases a narrativa do primeiro encontro entre Carolina e Audálio e, às vezes, pelo discurso direto, o diálogo que teria ocorrido entre eles.

Algumas traduções vão ostentar um novo prefácio de Audálio Dantas, em cujo discurso são reafirmados os mesmos pontos do prefácio da edição brasileira, mas pelo qual estende-se a situação apresentada por Carolina a uma dimensão de nível internacional.

Nos textos dos tradutores, por sua vez, serão ampliados os mesmos temas abordados no espaço editorial das traduções ou nos prefácios assinados por Audálio Dantas. Como o fez Audálio Dantas no Brasil, os prefaciadores iluminam-se inscrevendo-se na história de Carolina e no contexto brasileiro. Nota-se, nos discursos dos tradutores, como eles querem transmitir aos leitores a emoção de seu contato com o original. Fazem, portanto, em rápidas linhas, as suas memórias, narram a experiência que tiveram com a cultura brasileira, com a autora e/ou com o contexto que ela apresenta. Como o texto que traduzem é de cunho autobiográfico, ao revelar uma aproximação física com o contexto original da narrativa, esses tradutores apresentam uma estratégia de convencimento da veracidade da narrativa e angariam a adesão de leitores que garantam a existência continuada de *Quarto de Despejo*.

Sob essa perspectiva, é notável que o esforço dos tradutores, como leitores privilegiados de *Quarto de Despejo*, esteja em conseguir reproduzir para outra cultura o impacto da leitura do diário de Carolina em português. Esse esforço traduz-se pela demonstração de uma preocupação constante com a fidelidade ao original. Assim, as inadequações lingüísticas e simplicidade da estrutura frasal dos

registros do original são pontos de justificativa do tradutor na explicação da sua tarefa, como responsáveis pela existência continuada do diário.

No prefácio dos tradutores de Carolina justifica-se, assim, um discurso referencial sobre o Brasil, e esse discurso vai dar os sinais indicadores de uma leitura política de *Quarto de Despejo*. A preocupação com a transparência de seu trabalho faz com que cada tradutor de Carolina, de modo geral, esforce-se por trazer ao seu público um protótipo de *Quarto de Despejo*. Para persuadir o leitor da fidelidade de seu trabalho, o tradutor se preocupa que uma imagem brasileira venha inserida *ipsis litteris* na tradução e, por isso, no texto prefacial, ele vai discorrer sobre a cultura na qual Carolina está inserida.

A maioria dos textos preliminares, contudo, tanto no espaço editorial como no prefacial, estende suas observações sobre as favelas brasileiras para fora do espaço delimitado pelo diário de Carolina. Nesse aspecto, o texto do tradutor revela um discurso próximo ao didático, que inclui informações, entre outras, sobre a cidade de São Paulo, a situação político-econômica do Brasil, da América Latina, do Terceiro Mundo.

Acrescentamos que os textos liminares das traduções de *Quarto de Despejo*, à semelhança do prefácio em português, são, com raras exceções, ilustrados com diversas fotografias de Carolina, só ou acompanhada dos filhos, da comunidade do Canindé, dos vizinhos e, em algumas, de Audálio Dantas, muitas sem legendas. Dessa forma, vão ampliando a visão que os tradutores apresentam, fornecendo uma imagem prévia do ambiente em que se situa a narrativa de Carolina, mas expandindo o sentido de denúncia do texto a um nível quase universal. Por tudo isso, os prefácios das traduções de *Quarto de Despejo* terão um efeito potencial sobre os futuros leitores.

Na observação dos prefácios das traduções de Carolina, é interessante notar que essa produção de importação abrange tanto os prefácios de Audálio Dantas presentes em algumas edições quanto os dos tradutores. Ambos revelam-se rituais e políticos na medida em que, fornecendo dados que os tornam legitimadores um do outro, promovem, juntos, um direcionamento de leitura do diário de Carolina para o vetor universalmente socializante dos temas que ela aborda. Dessa forma, a capacidade narrativa de Carolina será avaliada quase que unicamente pela força descritiva das situações que apresenta, que favorece o tom de denúncia de seu diário. A força poética de seu texto, por outro lado, será referida por um ou outro prefaciador mais sensível às possibilidades da linguagem que, de modo intuitivo, Carolina sabe utilizar tão bem.

Pelo que inferimos nessa análise, as estratégias de condução da leitura das traduções de *Quarto de Despejo* levam a uma imagem que, desconsiderando quase completamente a narrativa de Carolina como manifestação individual, erige sua autora à condição de uma síntese da miséria de um país, às vezes de um continente, e símbolo da injustiça universal em relação aos pobres.